

ANTONIN ARTAUD



CORRESPONDÊNCIA COM JACQUES RIVIÈRE

ANTONIN
ARTAUD

TRADUÇÃO DE OLIVIER DRAVET XAVIER



MOINHOS







Jacques Rivière
a Antonin Artaud

1º de maio de 1923.

Senhor,

Sinto muito não poder publicar seus poemas na *Nouvelle Revue Française*¹. Mas eles me interessaram o suficiente para que eu deseje conhecer seu autor. Se for possível, passe na redação da revista numa sexta-feira, entre quatro e seis horas, ficaria feliz em vê-lo.

Com simpatia e cordialidade.

Jacques Rivière.

¹ N. do T.: A *Nouvelle Revue Française* (lit.: “Nova Revista Francesa”), ou *NRF*, é uma revista francesa de literatura e de crítica literária, que na época era mensal, fundada em 1908, e publicada até hoje. Jacques Rivière foi diretor da revista de 1919 a 1925.



Antonin Artaud
a Jacques Rivière

5 de junho de 1923.

Senhor,

Correndo o risco de importuná-lo, permita-me reconsiderar alguns termos da nossa conversa dessa tarde.

É que a questão da admissibilidade desses poemas é um problema que interessa ao senhor tanto quanto a mim. Estou falando, é claro, de sua admissibilidade absoluta, de sua existência literária.

Sofro de uma terrível doença mental. Meu pensamento me abandona, em todos os níveis. Desde o simples ato de pensar até o ato exterior de sua materialização em palavras. Palavras, formas de frases, direções internas do pensamento, simples reações mentais: estou permanentemente em busca de meu ser intelectual. Logo, quando *posso apreender uma forma*, por mais imperfeita que seja, eu a fixo, temendo perder todo o pensamento. Estou aquém de mim mesmo, disso eu sei, sofro por isso, mas aceito essa imperfeição com medo de não morrer por inteiro².

Esse argumento que está muito mal formulado corre o risco de introduzir um equívoco considerável em seu julgamento a meu respeito.

² N. do T. Em francês o final desse parágrafo apresenta uma construção pouco comum. Interpretamos o “medo de não morrer por inteiro” como o medo de cair completamente na doença mental, ou seja, na impossibilidade de intelectualizar o real, que para Artaud é uma morte parcial pior do que a morte de fato: medo de continuar vivo estando já morto.

Por isso, por respeito ao sentimento central que inspira meus poemas e às imagens ou formulações vigorosas que pude construir, proponho apesar de tudo estes poemas à existência. Essas formulações, essas expressões desjeitosas que o senhor desaprova, eu mesmo as senti e aceitei. Não esqueça: eu não as contestei. Elas provêm da incerteza profunda do meu pensamento. Tenho sorte quando essa incerteza não é substituída pela inexistência absoluta que às vezes me atinge.

Aqui novamente temo o equívoco. Gostaria que entendesse que não se trata de mensurar o grau de existência que resulta daquilo que concordamos em chamar de inspiração, mas sim de uma ausência total, de uma verdadeira perda.

Foi por isso que eu lhe disse que eu não tinha nada, nenhuma obra suspensa, o pouco que lhe enviei constitui os farrapos que pude recuperar do vazio completo.

É muito importante para mim que as poucas manifestações de existência espiritual que pude vivenciar não sejam consideradas como inexistentes por culpa das falhas e das expressões inadequadas que as constelam.

Quando as apresentei, parecia-me que tais defeitos e desigualdades não eram gritantes o suficiente para destruir a impressão geral de cada poema.

Acredite, senhor, que eu não tenho em vista nenhum objetivo imediato ou mesquinho, só quero acabar de uma vez por todas com esse problema palpitante.

Não espero que o tempo ou o trabalho remedeiem tais obscuridades ou falhas, por isso exijo com tanta insistência e inquietação, essa existência mesmo fracassada. E gostaria de receber uma resposta para a seguinte questão: O senhor pensa que podemos conceder menos autenticidade literária e menos poder de ação a um poema defeituoso mas semeado de grandes belezas do que a um poema perfeito mas sem grande repercussão interior? Admito que uma revista como a *Nouvelle*

Revue Française exija um certo rigor formal, e uma grande pureza material, mas afora isso, a substância do meu pensamento é tão entremeada pela desordem e sua beleza geral se torna tão pouco ativa perante as impurezas e indecisões que a permeiam que ela não consiga existir literariamente? É toda a questão do meu pensamento que está em jogo. Não se trata de nada menos do que de saber se eu tenho ou não o direito de continuar a pensar, em verso ou em prosa.

Qualquer sexta-feira dessas tomarei a liberdade de homenageá-lo com a pequena plaquete de poemas que o Sr. Kahnweiler acaba de publicar e cujo nome é: *Tric Trac du Ciel*, assim como o pequeno volume dos Contemporâneos: as *Douze chansons*³. O senhor poderá então comunicar sua apreciação *definitiva* de meus poemas.

Antonin Artaud.

³ N. do T.: *Tric trac du ciel* (lit. “Tric trac do céu”), uma antologia de poemas, é a primeira obra de Antonin Artaud a ser publicada, em 1923, pela editora da galeria Simon, dirigida por Daniel-Henry Kahnweiler (1884-1979). *Douze chansons* (lit.: “Doze canções”) é uma obra do dramaturgo Maurice Maeterlinck, publicada pela primeira vez em 1896. A edição de 1923, publicada na coleção “Les Contemporains” (lit. “Os Contemporâneos”), vinha acompanhada de um prefácio escrito por Artaud.



Jacques Rivière
a Antonin Artaud

25 de junho de 1923.

Prezado Senhor,

Li com atenção o que o senhor quis submeter a meu julgamento e é com toda a sinceridade que acredito poder reconfortá-lo quanto às inquietações que sua carta revelou; fiquei muito tocado que o senhor me tenha escolhido como confidente. Há em seus poemas, foi a primeira coisa que eu lhe disse, desleixos e sobretudo estranhezas desconcertantes. Mas elas me parecem corresponder a uma certa preocupação da sua parte mais do que a uma falta de controle de seus pensamentos.

Evidentemente (é o que me impede por enquanto de publicar na *Nouvelle Revue Française* qualquer um de seus poemas) o senhor não consegue dar a impressão de uma unidade satisfatória. Mas estou suficientemente acostumado a ler manuscritos para entrever que seu temperamento não impede a concentração de suas capacidades em um objeto poético simples, e que com um pouco de paciência, ainda que isso envolva a simples eliminação de imagens ou traços divergentes, o senhor conseguirá escrever poemas perfeitamente coerentes e harmoniosos.

Continuarei feliz em vê-lo, em falar com o senhor e em ler o que quiser submeter à minha apreciação. Quer que lhe devolva o exemplar que trouxe?

Muito cordialmente,

Jacques Rivière.

